

Resenha

A técnica, os símbolos e a crítica ao determinismo tecnológico

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 224 p.

* **Por Raphael Tsavkko Garcia**, graduado em *Relações Internacionais*, pela PUC-SP e mestrando em *Comunicação* pela Faculdade Cásper Líbero

Vilém Flusser, nascido em 1920 na então Tchecoslováquia, muda-se para o Brasil com 20 anos de idade e, aqui, desenvolve boa parte de suas idéias até, em 1972, volta para a Europa. Morreu precocemente, em 1991 em um acidente automobilístico após palestrar na Universidade de Praga, já na moderna República Tcheca. Um trágico fim para um grande pensador.

De grande capacidade analítica e vasto conhecimento ganho em anos de profundo estudo como autodidata nas mais diversas áreas, Flusser é o que pode-se chamar de filósofo da contemporaneidade, filósofo das novas tecnologias. Versado em filosofia, tecnologia, design, fotografia, comunicação e outras áreas afins, Flusser deixa transparecer em seu “O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação” toda sua erudição e transforma este simples ensaio – ou melhor dizendo, conjunto de ensaios que inicialmente parecem não ter relação entre si mas formam uma teia de conhecimento – em um livro-marco para a Comunicação Social.

No livro, analisa as transformações que ocorreram – e continuam a ocorrer – com a humanidade levando em consideração os códigos e signos comumente usados. Flusser investiga não só a linguagem, mas a técnica e as transformações típicas do capitalismo e faz uma crítica destes sem, no entanto, deixar-se deslumbrar pela técnica.

Desde símbolos e códigos primitivos, passando pela escrita ou sinais lineares até as modernas técnicas de fotografia e imagem, Flusser analisa a importância destes para a humanidade, sempre tendo em mente, por outro lado, o papel segregacionista dos mesmos, pelo fato de somente os iniciados serem capazes de codificar e decodificar os sinais.

Desde o princípio de seu livro, deixa claro o processo de evolução dos símbolos e códigos ao ilustrar a necessidade de escolarização ou iniciação a cada novo processo tecnológico. Para se comunicar e ter acesso à técnica era sempre preciso mais e mais educação, mais e mais esforço em decodificação de símbolos inacessíveis, à medida do tempo, para larga massa de iletrados e inaptos.

Ligado ao seu tempo Flusser analisa a superação da escrita pela imagem – ainda que a internet resgate a importância perdida da escrita, mas em conjunto com outros elementos no que se conhece hoje como Hipermissão – na

fotografia, na televisão, no cinema.

Longe de ser meramente um entusiasta da tecnologia, Flusser aponta perigos “Os códigos (e os símbolos que os constituem) tornam-se uma espécie de segunda natureza, e o mundo codificado e cheio de significados em que vivemos (o mundo dos fenômenos significativos, tais como o anuir com a cabeça, a sinalização de trânsito e os móveis) nos faz esquecer o mundo da ‘primeira natureza’. E esse é, em última análise, o objetivo do mundo codificado que nos circunda: que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada.” (p. 90).

Nossa realidade, segundo o autor, é uma construção ideológica e Flusser ainda aponta para, em meio à nossa completa imersão em meio aos símbolos e possibilidades, o perigo de nos perdermos, de nos iludirmos ao acreditar que somos totalmente livres e não vivemos em um “totalitarismo programado” (p. 64). Resta saber, ao fim, quem controla quem, os homens às máquinas ou o contrário.

O homem vive, enfim, em mundos que cria artificialmente, é um funcionário que age dentro das possibilidades oferecidas pelos aparelhos, mas que acredita ser livre, independente, mesmo que isto não corresponda à verdade. É, por exemplo, nas fábricas, diz, que encontramos a verdadeira história do homem, os limites da técnica de cada tempo.

Hoje, diz, vivemos um período de ruptura em que os aparelhos eletrônicos inauguram uma fase de “não-coisas” em que informações imateriais acabam tomando a atenção do homem mais que a matéria, como normalmente ocorreu ao longo da história.

O determinismo tecnológico é fortemente criticado por Flusser quando este usa a metáfora do carro em movimento que não necessita de direção ou de desvios, corre livremente, automaticamente e, neste meio tempo, pode atropelar a humanidade caso ela veja tarde demais que o progresso esperado não foi exatamente o alcançado (p. 74).

O autor enfatiza que corremos o perigo de termos nossa visão determinada pelos media quando, na verdade, estas são apenas representações do mundo, nos orientam apenas e seus códigos nos induzem a configurar informações. Nossos dedos tornaram-se a parte mais importante de nossos corpos, o ato de apertar botões suprime outras necessidades.

Flusser, tratando dos media, as diferencia entre as que chama de ficção linear que é reflexo da elite (livros, publicações científicas, publicações filosóficas) e uma cultura de massa (conformes termos da década de 80), uma ficção em superfície (filmes, TV, fotografia) e, diz ainda, acreditar que há alienação em ambos os casos quando afirma que no primeiro caso as análises e explicações da primeira, com o tempo, tornam-se por demais abstratas e, no segundo caso, ao dizer que as imagens substituem, por fim, os fatos. As imagens passam a ser os próprios fatos, apagando qualquer realidade anterior e tornando a representação a própria “realidade”.

Enxergando para além de seu tempo, Flusser anteviu a hipermissão, o casamento entre texto e imagem, entre o abstrato da escrita e a representação da imagem: “Todos os textos fluirão para essa caixa (notícias e comentários teóricos sobre acontecimentos, papers científicos, poesia, especulações filosóficas) e sairão como imagens (filmes, programas de TV, fotografias)” (p.146). Neste ponto, ele acredita, teremos novamente a volta da criatividade e da liberdade – o que, de certa forma, vemos acontecer em meio à ampla disseminação de informações e ao potencial revolucionário da “Caixa-Preta” em meio à rede conhecida como internet.

Expediente

CoMtempo

Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero
São Paulo, volume 2, número 1, jun.2010/nov.2010

A revista CoMtempo é uma publicação científica semestral em formato eletrônico do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero. Lançada em novembro de 2009, tem como principal finalidade divulgar a produção acadêmica inédita dos mestrandos e recém mestres de todos os Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil.

Presidente da Fundação Cásper Líbero

Paulo Camarda

Diretora da Faculdade Cásper Líbero

Tereza Cristina Vitali

Vice-Diretor da Faculdade Cásper Líbero

Wellington Andrade

Coordenador da Pós-Graduação

Dimas Antônio Künsch

Editor

Walter Teixeira Lima Junior

Comissão Editorial

Ângela Cristina Salgueiro Marques (Faculdade Cásper Líbero) * Carlos Costa (Faculdade Cásper Líbero)
Luis Mauro de Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero) * Maria Goreti Frizzarini (Faculdade Cásper Líbero)
Liráucio Girardi Junior (Faculdade Cásper Líbero) * Walter Teixeira Lima Júnior (Faculdade Cásper Líbero)

Conselho Editorial

Angela Cristina Salgueiro Marques (Faculdade Cásper Líbero) * Antonio Roberto Chiacchiri (Faculdade Cásper Líbero) *
Carlos Gerbase (Pontifícia Universidade Católica/RS) * Carlos Roberto da Costa (Faculdade Cásper Líbero) *
Dimas Antônio Künsch (Faculdade Cásper Líbero) * Dulcilia Helena Schroeder Buitoni (Faculdade Cásper Líbero) *
Gilson Schwartz (Universidade de São Paulo) * Heloiza Helena Gomes de Matos (Faculdade Cásper Líbero) *
José Augusto Dias Júnior (Faculdade Cásper Líbero) * José Eugenio de Oliveira Menezes (Faculdade Cásper Líbero) *
Liráucio Girardi Jr.(Faculdade Cásper Líbero) * Luis Mauro Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero) *
Maria Goreti Juvencio Sobrinho Frizzarini (Faculdade Cásper Líbero) * Patrícia Bandeira de Melo (Fundação Joaquim Nabuco) *
Roberto Reis de Oliveira (Unimar) * Sílvio Henrique Vieira Barbosa (Faculdade Cásper Líbero) *
Sonia Castino (Faculdade Cásper Líbero) * Walter Teixeira Lima Junior (Faculdade Cásper Líbero)

Assistente Editorial

Paulo Lutero * Tel. (11) 3170-5969 | 3170-5841 * comtempo@facasper.com.br

Projeto Gráfico e Logotipo

Danilo Braga * Marcelo Rodrigues

Revisão de textos

Ângela Cristina Salgueiro Marques * Walter Teixeira Lima Junior

Editoração eletrônica

Walter Teixeira Lima Junior

Correspondência

Faculdade Cásper Líbero – Pós-graduação
Av. Paulista, 900 – 5º andar
01310-940 – São Paulo (SP) – Brasil
Tel.: (11) 3170.5969 – 3170.5875